

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

A POLÍTICA DO PRÉ-ESCOLAR NO BRASIL: A ARTE DO DISFARCE, de Sonia Kramer. Rio de Janeiro, Editora Achiamé, 1982.

João Pedro da FONSECA *

No precário quadro da educação brasileira, a situação da pré-escola oficial é das mais críticas. Atendendo a uma parcela insignificante de crianças em idade pré-escolar, sem objetivos claramente definidos, sem recursos materiais, humanos e financeiros adequados, sem coordenação nem integração entre os vários órgãos burocráticos estatais, sem legislação específica, a pré-escola oficial brasileira não vai além de um atendimento fragmentado, superposto, inexpressivo e emergencial. Excluídos os programas de alguns municípios mais adiantados e de parte da iniciativa particular, o que temos realmente é muito verbo e pouca verba.

Os estudos e pesquisas a respeito da pré-escola são escassos e há necessidade urgente de serem ampliados para que sejam lançadas luzes sobre tema tão fundamental.

A dissertação de mestrado de Sônia Kramer, publicada pela Editora Achiamé, é um estudo crítico sobre a educação pré-escolar no Brasil, questionando e denunciando o que a autora chama a "arte do disfarce". Diz ela: "Meu objetivo fundamental é o de questionar a política que direciona o atendimento ao pré-escolar no Brasil. A verdadeira mística que se levanta hoje em relação ao papel do pré-éscolar como pretensa solução aos problemas do primeiro grau desafiou-me a apontar seus limites, riscos e possíveis contribuições", p. 12.

Utilizando-se de pesquisa bibliográfica e análise documental, Sônia Kramer, no capítulo I, denuncia a concepção abstrata de infância, a noção de "natureza" infantil homogênea, independente da "condição" infantil, o conceito de "criança carente". Critica ainda a crença na pré-escola como solução para os problemas tanto educacionais como sociais da sociedade brasileira, idéia essa difundida pelos defensores da "educação compensa-

* Professor Assistente do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação. Faculdade de Educação. USP.

tória" que insistem na "transposição cega de inferências e propostas já superadas em outros países".

No capítulo II, apresenta um sumário da história do atendimento à criança brasileira, que ela divide em duas fases: antes de 1930 e de 1930 a 1980. Identifica três tendências nesse atendimento: proteção à saúde, assistência social e educação. Denuncia a multiplicação de órgãos com as mesmas funções, a superposição e a fragmentação do atendimento (reflexo da visão fragmentada da criança), a prática de se extinguir e criar órgãos burocráticos com funções de controle.

No capítulo III, ela trata da política atual de educação pré-escolar no Brasil à luz de documentos, principalmente dos Pareceres do Conselho Federal de Educação, para onde ela aponta suas baterias.

Material para crítica é que não falta: a ênfase dada à educação compensatória, a tendência de se implantar os mesmos programas para realidades diversas, a discrepância entre os discursos das autoridades e a realidade, a exiguidade de recursos, a pretensão de se obter a mudança social pela pré-escola, a concepção da criança como ser a-histórico, a ambigüidade de algumas propostas, o transplante de normas e procedimentos de outros países, a preocupação não com a criança de hoje, mas com o "cidadão de amanhã".

Em geral, concordo com o conteúdo das críticas apresentadas. Também eu tenho procurado ver criticamente o que vem sendo proposto oficialmente para se equacionar o problema da pré-escola e identifiquei muitos pontos criticáveis. Lendo com interesse o livro de Sônia Kramer, encontro méritos na sua crítica rigorosa e vigorosa. Parece-me, entretanto, que ela foi impiedosa demais no subtítulo: "a arte do disfarce".

Explico-me. O dicionário "do Aurélio" coloca como sinônimos de disfarce os seguintes termos: fingimento, dissimulação, encobrimento, mascaramento. Pergunto: será que os partidários da "educação compensatória", os que ignoram a "condição de classe" das crianças da "classe dominada", os que têm uma "concepção idealista e liberal" do mundo estão conscientes de que contribuem para a "mistificação" da pré-escola? Será justo atribuir à "política do pré-escolar no Brasil" a crítica de "arte do disfarce"? Será que se pode fazer essa generalização, considerando-se que não temos ainda princípios nem diretrizes claramente definidas formando uma doutrina oficial para a "pré-escola brasileira"? Podemos dizer que existe realmente uma "política do pré-escolar" no Brasil? Será que os Pareceres do Conselho Federal de Educação exercem, de fato, influência significativa nos destinos das pré-escolas brasileiras? Não seria interessante distinguirmos o "Brasil oficial" do "Brasil real" também no que diz respeito à pré-escola? São dúvidas que me ocorrem e registro já que a autora deseja ver seu trabalho "criticado, aprofundado e desdobrado em estudos futuros". Considero seu estudo uma contribuição valiosa para o debate a respeito da pré-escola, merecendo ser completado, aprofundado e desdobrado. Vejo-o como uma obra aberta, instigante, diante da qual se pode concordar ou discordar, mas não ficar indiferente. E isso faz bem aos que aceitam o desafio de encontrar

caminhos melhores para a educação brasileira e, em especial, para a pré-escola que melhor atenda aos interesses e às necessidades da grande maioria da população. Juntamente com as conquistas educacionais, esperamos que a igualdade de oportunidades e condições de vida deixe de ser apenas uma aspiração para se tornar realidade.